

## **A dimensão jornalística nas crônicas publicadas em 2013 no jornal *O Popular*, de Goiânia<sup>1</sup>**

Prof. Dr. Rogério Pereira BORGES<sup>2</sup>

Flaviana Alves SANTOS<sup>3</sup>

Samiha Salahdino SARHAN<sup>4</sup>

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), Goiânia, GO

### **Resumo**

O presente artigo busca debater em que medida as crônicas publicadas no jornal *O Popular*, de Goiânia, no decorrer do ano de 2013, tiveram um viés jornalístico, inserindo-se, assim, no que podemos definir como gênero opinativo na imprensa. O debate é uma contribuição para a compreensão de um gênero discursivamente híbrido, que muitas vezes mescla literatura e jornalismo e nem sempre é bem entendido em suas nuances. Por meio da Análise de Conteúdo e de Discurso, investiga-se a importância do critério de noticiabilidade “atualidade” na produção dos cronistas do jornal, revelando o quanto categorias de autoria e paratopia são relevantes na leitura do discurso da crônica.

**Palavras-Chave:** Crônica; Discurso; Jornalismo; Gêneros Jornalísticos

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Gênero Jornalísticos, no XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup>Professor Adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), onde é docente do curso de Jornalismo (graduação) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado). Pesquisador integrante do Núcleo de Pesquisa em Comunicação da instituição. E-mail: [rogeriopereiraborges@hotmail.com](mailto:rogeriopereiraborges@hotmail.com)

<sup>3</sup>Discente do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Bolsista do CNPq na pesquisa cujos resultados são aqui apresentados. E-mail: [flaviana.alves.jornalista@gmail.com](mailto:flaviana.alves.jornalista@gmail.com)

<sup>4</sup>Egressa do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Bolsista do CNPq na pesquisa cujos resultados são aqui apresentados. E-mail: [samihasarhan@hotmail.com](mailto:samihasarhan@hotmail.com)

## Introdução

A percepção puramente empírica costuma dominar muitos dos conceitos que regem o campo da Comunicação em geral e o do Jornalismo em particular. É fundamental lançar mão de elementos que rompam com estereótipos e preconceitos sobre diversos discursos da imprensa – que estão no âmbito do que podemos considerar como “discurso com vontade de verdade” (MORAES, 2013). O presente artigo é fruto de um esforço nesse sentido, tendo como objeto de análise a crônica, modalidade discursiva que consta tanto em reflexões no escopo do jornalismo (MARQUES DE MELO, 2003; BORGES, 2012; SODRÉ & FERRARI, 1986), quanto no da literatura (COUTINHO, 1986; MOISÉS, 2007; CANDIDO, 1997). Seu hibridismo discursivo é, a nosso ver, não um obstáculo e sim uma valiosa oportunidade para desmitificar algumas questões a respeito do discurso noticioso e opinativo na imprensa, retirando-nos de zonas de conforto que só empobrecem visões que poderiam ser mais amplas sobre produções jornalísticas contemporâneas. Trata-se, ainda, de um movimento de análise que proporciona um mergulho mais aprofundado no caráter essencial de discursos canônicos, tantas vezes contaminados por preconceitos.

O presente artigo revela resultados de pesquisa em torno da crônica empreendida no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Comunicação (NPC), da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), realizada entre janeiro de 2014 e julho de 2015. O trabalho contou com a participação de duas bolsistas do CNPq (co-autoras do texto agora apresentado). A pesquisa compreendeu um olhar analítico sobre as 365 crônicas publicadas no jornal *O Popular*, de Goiânia (GO), durante o ano de 2013. A questão que nos moveu foi entender como esse discurso pôde contribuir na informação e interpretação de fatos relevantes que ocorreram naquele ano. A escolha do período se deveu ao fato de que o ano de 2013 foi excepcionalmente pródigo em eventos e acontecimentos que mobilizaram milhões de pessoas no Brasil (em particular) e no mundo (em geral).

Apenas para citar os mais expressivos, foi em 2013 que aconteceram os grandes protestos em todo o Brasil que levaram multidões às ruas para expor seu descontentamento diante de governos e escândalos de corrupção, constituindo as maiores manifestações populares brasileiras dos últimos 20 anos. Houve ainda a visita do Papa Francisco ao País durante a Jornada Mundial da Juventude, evento que atraiu a atenção do noticiário de todo o mundo. A Copa das Confederações, realizada nos nossos gramados e que se mostrou um teste para a Copa do Mundo de Futebol que ocorreria um ano depois, também merece menção entre esses fatos de monta. Há ainda um número expressivo de outros acontecimentos políticos, sociais, policiais e comportamentais que demandaram cobertura

intensa dos veículos de comunicação. Nessa perspectiva, o ano de 2013 mostrou-se profícuo para o entendimento de determinadas “cenas de enunciação” (MAINGUENEAU, 2008) acerca de acontecimentos de relevância, o que possibilita estudo mais rico sobre se e como as crônicas refletiram essa realidade efervescente.

O segundo recorte da pesquisa se deveu a uma lacuna existente nos estudos sobre o jornalismo e seus discursos em Goiás. Para contribuir no resgate desta dívida, optamos por tentar encontrar as respostas pretendidas num âmbito mais regional. Para tanto, elegemos o jornal mais tradicional e de maior circulação em Goiás – o diário *O Popular* é líder em seu segmento, com tiragens que alcançam até 40 mil exemplares e tem quase 80 anos de existência. Além de sua força simbólica junto a um amplo público – ressalte-se que os textos também ganham publicação no site do jornal, que conta com mais de 10 milhões de acessos mensais –, *O Popular* também era o único veículo de informação goiano que, à época da pesquisa, mantinha espaço fixo e diário para a crônica: a coluna *Crônicas & Outras Histórias*, publicada no caderno de cultura *Magazine*.

Treze autores revezavam-se na ocupação do espaço da coluna *Crônicas & Outras Histórias*, sem dias pré-determinados, mas mantendo certa regularidade na periodicidade de suas publicações – havendo dois grupos, sendo que um publica com mais assiduidade que o outro. O corpus da pesquisa, assim, mostra-se adequado para a pesquisa, sobretudo quando pensamos em uma análise regionalizada do papel da crônica como discurso de informação e interpretação da realidade circundante, entendendo os possíveis caminhos discursivos que o gênero toma para dialogar com o leitor. Como produção discursiva entremeada tanto pelo jornalismo quanto pela literatura – seus “discursos constituintes” (MAINGUENEAU, 2008) –, a crônica ora pende para um lado, ora para o outro.

A partir da catalogação de todas as crônicas publicada em *O Popular* no ano de 2013, adotamos, em primeiro lugar, técnicas da Análise de Conteúdo para separar um conjunto de textos que tinham os fatos daquele período como tema central, podendo ser comentários sobre acontecimentos específicos ou a emissão de opiniões acerca de conjunturas mais amplas. Em seguida, por meio de conceitos pertencentes à escola francesa da Análise do Discurso (AD), dissecamos esses textos para compreender suas engrenagens internas, seus desvios e mecanismos específicos que permitiram que uma enunciação mais “literalizada” pudesse ser, também, referência jornalística sobre a realidade.

A pesquisa, portanto, analisou as crônicas selecionadas – aquelas que apresentavam maior vínculo com conteúdos noticiosos – a partir de conceitos como formação discursiva, paratopia, polissemia, paráfrase, ideologia, arquivo, cenário e autoria. Esses conceitos

abriram caminho para que pudéssemos vislumbrar e trabalhar com categorias de análise, como política, cidadania e diversos outros temas sociais para averiguar em que medida a crônica insere-se no que podemos definir como um texto jornalístico, ainda que este não respeite todas as regras do discurso informativo ou interpretativo tradicional. Essa metodologia, que une Análise de Conteúdo e Análise do Discurso, tem sido utilizada em pesquisas na área da Comunicação. “A necessidade de integração dos campos quantitativo e qualitativo decorre do reconhecimento de que os textos são polissêmicos – abertos a múltiplas interpretações por diferentes públicos – e não podem ser compreendidos fora de seu contexto” (HERSCOVITZ In: LAGO & BENETTI, 2008, p. 126).

O presente artigo condensa os resultados principais da pesquisa, sendo que outras produções científicas foram elaboradas a partir das respostas encontradas no decorrer do processo de investigação do discurso da crônica. A seguir constam os dados e as reflexões que nos permitem afirmar que, durante o ano de 2013, a sessão *Crônicas & Outras Histórias* do jornal *O Popular*, de Goiás, contribuiu, em grau relevante, com a apreensão e interpretação dos fatos que compuseram o panorama noticioso do período. A crônica, assim, foi, em numerosos e representativos momentos, mais um espaço em que se fez jornalismo, fugindo do lugar comum e enfatizando o hibridismo que a caracteriza como discurso, construído historicamente entre propostas e dinâmicas que se avizinham e se apartam.

### **A crônica**

Antes de mergulhar nos resultados da pesquisa, é pertinente que façamos uma breve reflexão a respeito da crônica em sua constituição histórica e discursiva. Não bastou-nos, portanto, dizer se as crônicas são ou não jornalísticas. Interessou-nos, sobretudo, saber como isso se deu, quais foram os caminhos trilhados até esse resultado; como a crônica, não abrindo mão de um estilo literário, conseguiu se ancorar na realidade para dela se ocupar. No decorrer da história, a crônica mudou suas feições e propósitos como discurso. Em diferentes épocas, estiveram associadas a relatos de viagem, a descrições históricas, a perfis de grandes vultos políticos ou militares. Com o amadurecimento e o desenvolvimento do jornalismo, ela, em grande parte, migrou dos livros e registros em documentos oficiais para os veículos de informação. Na época em que jornalismo e literatura mal se diferenciavam, com escritores ocupando as páginas de jornais e sem que o formato noticioso dominasse os veículos informativos (SCHUDSON, 2010), muitos autores tinham na crônica um modelo possível na imprensa para comentarem e influenciarem na realidade ao seu redor.

A partir de meados do século XIX, os modelos da imprensa passaram por mudanças definitivas. Os países ocidentais viram seus jornais transformarem-se em empresas, com outras prioridades que não apenas a divulgação e a reverberação da opinião de indivíduos notórios da sociedade. Gêneros literários que prosperavam na imprensa pereceram ou perderam importância. Algo distinto ocorreu, porém, com a crônica. Acompanhando o que acontecia com as publicações jornalísticas, ela também se moldou aos novos tempos, conseguindo estabelecer-se em outros contextos. Preservando seu caráter híbrido entre literatura e jornalismo, a crônica passou a ser um discurso que poderia ser observado em colunas políticas e policiais. Essa modalidade, aos poucos, também foi diminuída em favor da objetividade da notícia, bastião em que o jornalismo se amparou por diversos motivos (TUCHMAN, 1999; ALSINA, 2009). Isso, contudo, não foi suficiente para suprimi-la. Ocupando uma lacuna dos produtos jornalísticos mais contemporâneos, a crônica se estabeleceu como um respiradouro em meio ao noticiário pesado.

A crônica jornalística atual é produzida em um cenário de trocas simbólicas e intercâmbio enunciativo e de linguagem textual entre polos discursivos poderosos. A relação entre literatura e jornalismo apresenta similitudes inegáveis, mesmo que assinalem objetivos dissonantes. Os laços que unem os dois discursos, assim como as diferenças que os separam, estão em constante debate por meio de autores que tentam estabelecer limites, definir territórios, entender as articulações que se dão no interior dessa proximidade. (BORGES In: MOUILLAUD & PORTO, 2012, p. 799).

A crônica é um discurso de dupla identidade, mas não dúvida, uma vez que, dentro de seu contrato de leitura (VERÓN, 2004; ALSINA, 2009), ela não deixa dúvidas sobre qual é seu perfil, o que pretende causar, não esconde as ferramentas criativas de que faz uso para se constituir. Se, como nos lembra Coutinho (1986), “o significado tradicional da palavra 'crônica' decorre de sua etimologia grega (khronos – tempo): é o relato dos acontecimentos em ordem cronológica” (p. 120), essa definição transmutou-se bastante desde sua origem. “O uso da palavra para indicar relato e comentário dos fatos em pequena seção de jornais acabou por estender-se à definição da própria seção e do tipo de literatura que nela se produzia” (COUTINHO, 1986, p. 121).

A questão essencial que se impõe quanto à crônica é sua constituição híbrida. Não é, portanto, inusitado que a crônica surja como elemento noticioso em certos momentos ou em circunstâncias particulares. O elemento jornalístico está em sua essência, ainda que com estatutos heterodoxos. A formação discursiva da crônica é complexa, polissêmica, polifônica, com sentidos que se complementam, substituem-se, embaralham-se.

## Autores e resultados

Para compreender de maneira mais ampla a produção cronística do jornal *O Popular* no ano de 2013, lançamos mão de dispositivos da Análise do Discurso. Um desses dispositivos foi o da paratopia – o lugar de onde se fala –, juntamente com o de autoria – quem fala desse lugar específico. Esses temas, em particular, foram objetos da pesquisa (ALVES; BORGES; SARHAN, 2015, 2016). Percebeu-se uma associação sólida entre as vivências e trajetórias pessoais de cada autor as abordagens apresentadas nas crônicas. O rol de cronistas fixos de *O Popular* e que publicaram na coluna *Crônicas & Outras Histórias* em 2013 possui 11 nomes: Bariani Ortencio, Brasigóis Felício, Edival Lourenço, Flávio Paranhos, Gabriel Nascente, José Mendonça Teles, Luís Araújo Pereira, Luiz Spada, Maria Félix Bufaiçal, Maria José Silveira e Ursulino Leão. Todos têm ligações, mais ou menos fortes, com o campo literário, sendo poetas, contistas ou romancistas. Entre os quais há historiadores (3), jornalistas e/ou ex-jornalistas (6) e uma personalidade ligada à vertente do folclore. Apenas um dos cronistas destoa em sua atuação principal, sendo médico, mas com expressivos laços com as campos da criação literária e com a filosofia.

Michel Foucault pondera que todo discurso traz em si um conjunto de regularidades – não de leis imutáveis – que auxiliam em sua apreensão, revelando formações discursivas.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (...). (FOUCAULT, 2007, p. 43).

Essas formações proporcionam o entendimento dos mecanismos que compuseram o discurso, seus hibridismos, sua arqueologia, sua cena enunciativa. Um fator constituinte de indiscutível relevância nesse conjunto de processos é a autoria. Responder à pergunta “quem escreve?”, no caso da AD, não é tão simples, contudo. Esse “quem escreve” deve ser vislumbrado em consonância com o “de onde esse autor fala”. Temos o sujeito da narrativa. “O autor é o lugar em que se constrói a unidade do sujeito” (ORLANDI, 2007, p. 73)

Tais interstícios podem ser comprovados nas crônicas estudadas. O sujeito de cada narrativa é único, ainda que mantenha semelhanças com outros que ocupam espaço similar. Nessa perspectiva, algumas regularidades puderam ser identificadas, como a investitura de certa autoridade por parte de alguns autores ao tratarem de temas que lhes competiam mais de perto – Bariani Ortencio, estudioso da cultura popular, apresenta essa característica quando toma a área como assunto de suas crônicas – e um regionalismo pronunciado.

No que se refere ao que estudamos na pesquisa, os tópicos mais vinculados ao noticiário ganharam, numerosas vezes, um tratamento que mostra-se coerente com as formações discursivas que cada cronista construiu para si. Quando fala de questões atuais, Bariani Ortencio, sabedor de que é considerado uma referência em Goiás em diversas áreas, faz uso de um tom mais autoritário e quase sempre recorre às suas próprias experiências para ilustrar o que tem a dizer. É um modelo personalista de interpretação dos fatos, em que a paratopia simbólica que o cerca dita sua visão de mundo e sua ideologia.

A memória também é fator preponderante nas crônicas de José Mendonça Teles, escritor, professor e historiador, outro que tem enorme prestígio no meio cultural goiano. É a partir de sua bagagem pessoal, dos eventos que presenciou no passado que ele molda a compreensão que defende dos fatos atuais, do presente em que vive. O mesmo elemento pode ser percebido nas crônicas de Maria Lúcia Félix Bufáical, mas em outro registro, uma vez que a escritora aposta mais firmemente em um olhar meditativo e digressivo, ainda que esteja lidando com o mais factual dos temas.

Edival Lourenço e Gabriel Nascente podem ser colocados em um grupo à parte, uma vez que ambos se debruçam com mais afinco sobre temas cotidianos, fazendo com que a maior parte de seus textos se aproxime da crônica jornalística mais clássica, aquela que toma pequenas ou grandes ocorrências para tecer comentários menos óbvios. Nem sempre os dois conseguem manter esse padrão, porém. O mesmo pode ser dito de Brasigóis Felício. A diferença é que neste a ideologia política revela-se com mais força. Nesse cronista, a ironia une-se à linguagem rebuscada para alinhar críticas ferozes contra determinadas forças políticas, emprestando às suas produções um perfil claramente de comentário.

A ideologia política também é evidente nos textos de Ursulino Leão. Homem que podemos definir politicamente como sendo de direita, ele mantém a coerência com sua história pessoal. Ursulino é o único cronista que teve carreira política, exercendo dois mandatos de deputado estadual e chegando ao cargo de vice-governador de Goiás durante o regime militar, atuação sempre feita por legendas da situação. Com carreira sólida no campo jurídico – foi Procurador-Geral do Estado –, Ursulino não esconde suas preferências ideológicas quando se propõe a comentar sobre a conjuntura político-social brasileira.

Menos ligados a esse espectro de debate político, mas atentos ao noticiário e aos fatos de destaque que ocorrem à sua volta, Luiz Spada e Maria José Silveira, ambos jornalistas de formação, revelam a visão de suas profissões nas crônicas. Spada tem no humor do trivial, das situações rotineiras, a matéria-prima de seus textos. Já Maria José Silveira se embrenha nos temas sociais, podendo vez ou outra trazer a política à baila, mas

não como uma comentarista da área e sim de formas mais tangenciais. Suas crônicas não abrem mão da crítica, mas esta é realizada por artifícios mais implícitos.

O poeta e professor de literatura Luís Araújo Pereira e o médico e filósofo Flávio Paranhos são os que menos se ativeram a fatos do noticiário em suas crônicas. Ainda que o segundo autor seja um pouco mais assíduo na abordagem de questões que estejam na pauta da sociedade que o primeiro – Luís Araújo costuma usar o espaço de suas crônicas para construir minicontos que podem ou não fazer referência a uma realidade vivida –, ambos se descolam do dia-a-dia, preferindo escrever textos que levem o leitor à fruição estética.

Fica claro que a autoria e a paratopia dos cronistas definem as temáticas que escolhem para seus textos, havendo a tendência de alguns abordarem temas relacionados com fatos reais notórios e amplamente cobertos pelos noticiários jornalísticos e de outros rejeitarem tal influência, como se percebe na tabela abaixo.

Tabela 1

Cronista	Crônicas publicadas (2013)	Crônicas com viés jornalístico (2013)	Porcentagem (2013) Crônicas Jornalísticas / Crônicas Publicadas
Bariani Ortencio	43	13	30,23%
Brasigóis Felício	46	38	82,60%
Edival Lourenço	47	39	82,97%
Flávio Paranhos	25	5	20,00%
Gabriel Nascente	45	9	20,00%
José Mendonça Teles	22	2	9,09%
Luís Araújo Pereira	15	4	26,66%
Luiz Spada	23	15	65,21%
Maria Lúcia Félix Bufaiçal	50	24	48,00%
Maria José Silveira	25	18	72,00%
Ursulino Leão	24	18	75,00%
<b>Total</b>	<b>365</b>	<b>185</b>	<b>50,68%</b>

### Análise

A partir da tabela acima, percebemos a pertinência de se considerar a crônica como um discurso jornalístico. Somando textos mais explícitos, em que a posição do autor revela-se de maneira indubitável, a enunciações que transitam por registros pessoais e literários, temos, na produção cronística de *O Popular* em 2013, metade do conjunto estudado (185 crônicas de um total de 365, ou 50,68%) apresentando lastros com o jornalismo.



É inquestionável a utilização da crônica como espaço de opinião. Alguns autores corroboram a classificação de Marques de Melo (2003) de que a crônica insere-se no gênero jornalístico opinativo ao apresentar comentários sobre fatos socialmente relevantes e seus contextos; ao fazer o registro de eventos históricos, mesmo que sob prismas menos usuais; ao analisar, usando de seus muitos recursos disponíveis, questões de política, economia, comportamento, acompanhando evoluções e desenvolvimentos das mentalidades, a quebra de tabus, os reposicionamentos da sociedade diante de vários temas.

Ao mesmo tempo, também cabe à crônica – e isso lhe é facultado, sem maiores contestações – um olhar mais lúdico sobre esta mesma realidade. O autor, assim, goza da liberdade de lançar mão de elementos variados. Tudo é permitido.

O que importa é perceber que a crônica não se insere em uma classificação discursiva única, não se situa dentro de uma moldura imóvel. Ela está em trânsito em termos linguísticos, passeia pelas fronteiras entre jornalismo e literatura formando seus recantos e trincheiras, constituindo-se em um discurso descompromissado com estatutos rígidos. (BORGES In: MOUILLAUD & PORTO, 2012, p. 809).

Nesse amplo espectro opinativo, a crônica também pode vir recheada de humor e sarcasmo, de uma crítica social e pessoal que amplie os horizontes de leitura dos fatos usando, para isso, a alegoria e a ironia. Um raciocínio que Umberto Eco constrói para o romance pode nos ajudar a compreender a crônica. “Máquina linguística que se celebra no negar-se, o romance nos diz algo sobre outros modos de significar, e sugere que este, coisa verbal, está a serviço desses modos, pois é conto não de palavras, mas de ações, e mesmo quando conta palavras, as conta na medida em que assumiriam função de ação” (ECO, 2006, p. 60). O teórico italiano fala, sobretudo, sobre a capacidade de o discurso levar quem com ele toma conhecimento a imaginar a partir de suas palavras, mesmo a agir, a pensar a respeito, a ingressar em um debate ou numa aventura propostos.

Esse fenômeno pode ser constatado nas crônicas do jornal *O Popular* de 2013 analisadas neste trabalho. O espaço é aqui exíguo para reproduzir todos os textos em que tal elemento pode ser verificado, mas é possível citar breves exemplos que ilustram esses movimentos discursivos da crônica e que mostram o quão jornalísticas elas podem ser, ainda que por vias menos ortodoxas. Um dos cronistas mais assíduos do espaço e período analisados, o jornalista e escritor **Brasigóis Felício**, corrobora esse perfil. Das 46 crônicas que o autor publicou naquele ano no espaço do jornal diário goiano, 18 delas (ou 39,13% do total) tratam de temas relacionados especificamente a questões sociais e políticas.

Mesmo nos textos de cunho mais reflexivo de Brasigóis Felício (20 crônicas, ou 43,47% do total publicado) figuram elementos de explícita crítica a situações mais amplas, transparecendo sua forma pessoal de ver o mundo, ainda que com viés mais poético. Se levarmos em consideração que as reflexões e os comentários diretos sobre fatos e situações que ocorrem ao seu redor são estratégias de opinião pertinentes à crônica, podemos dizer que 82,6% dos textos escritos por este colaborador têm, em variados graus, ressonância com o jornalismo e sua interpretação do que aborda. Vejam este trecho da crônica *Protestos*, de 21 de junho de 2013.

Não é preciso ser psicólogo, vidente ou cientista social para concluir que o Coringa está nas ruas, nos protestos sem causa, ou por 20 centavos, que postulam uma existência sem custo, onde tudo tenha tarifa zero, seja lá quem pague, se os empresários ou as surrupiadas burras de um governo que está mais perdido do que cego em tiroteio. Mais que personagem arquetípico de um filme, encarnação do animal humano tomado pela sombra da maldade, está entre nós.

Em sentido semelhante, **Maria Lúcia Félix Bufáical** apresenta suas considerações sobre o quadro político brasileiro a partir de uma reflexão pessoal e em linguagem que se desvia do estilo empolado dos comentários políticos. A historiadora, escritora e professora é a que mais publicou crônicas em *O Popular* no ano de 2013, somando 50 textos. Desses, 24 publicações (48% do total) referem-se a assuntos constantes do noticiário, como sociedade, política e cotidiano. Ainda que 18 crônicas (39% do total) sejam dedicadas a divagações pessoais, o maior conjunto de sua produção tem estreita interlocução com a atualidade, reforçando o caráter de jornalismo opinativo de seus textos. Isso fica patente no texto *Cura Gay*, publicado em 25 de junho de 2013, em que ela se comenta e se posiciona contra o projeto de lei de um deputado federal goiano que propôs tratamento psicológico aos homossexuais com o intuito de que eles mudassem suas orientações sexuais.

A palavra “cura”, nesse contexto, é que não dá pra aguentar. Cura o quê, carapálida? Já tem tanto sofrimento envolvido nesses dolorosos processos de afirmação, ainda vem algum equivocadamente chamar de doença uma variação, jogar crime onde não há crime, determinar as relações humanas e suas mil nuances? Adoecer pessoas saudáveis e positivas, quando nem para os verdadeiros doentes tá sobrando tratamento e hospital?

A crítica a certas engrenagens que movem a sociedade brasileira também pode ser encontrada em muitas crônicas do escritor, historiador e jornalista **Edival Lourenço**, demonstrando que o autor usa do espaço da crônica para opinar a respeito do mundo, num processo de convencimento do leitor quanto aos seus argumentos. Dos 47 textos que publicou no decorrer do ano de 2013, Edival dedica 39 (82,97% do total) a reflexões sobre

temas variados e críticas diretas a determinados fatos. Essa mescla de estilos é característica do gênero. A ironia usada por Edival para isso é evidenciada, entre outros textos, neste de 27 de fevereiro de 2013, intitulado *Agora vai*.

A prática tem mostrado que o Brasil só pega no tranco depois do carnaval. Antes, é aquela pasmaceira danada. A leseira do Natal emenda com a do ano-novo que passa pelas repugnas do ano letivo, pagamento de IPTU, IPVA, seguro do automóvel, falta de orçamentos estatais travando a circulação de recursos e tal. (...) Todo esse estado de coisas deprês nos liga ao carnaval. Nessa hora, a gente pula e sacoleja feito possuídos nos rituais de vodu, e se livra finalmente de toda inhaca acumulada na passagem do fim para o começo do ano.

**Ursulino Leão** que, como já foi dito, situa-se num espectro ideológico identificado com a direita, expressa essa posição em várias crônicas em que toma como tema a política. Das 24 crônicas que escreveu em 2013, 6 delas (25% do total) trazem considerações de tal natureza. É verdade que na maioria das ocasiões o autor se desvencilha de tais tópicos, preferindo mergulhar nas próprias lembranças e nas amplas experiências de um homem de 90 anos de idade, mas suas crônicas também são engajadas politicamente. Mesmo as 12 crônicas dedicadas a reflexões esparsas (50% do total) permanecem com lastros sólidos nos acontecimentos de seu entorno. Com isso, 75% de sua produção cronística em 2013 têm essa característica. No texto de 28 de junho, chamado *Má Condução do Brasil*, o escritor transforma a crônica em um artigo de opinião, revelando revolta e indignação.

A economia nacional não cresce. A performance do PIB alcança indicadores incompatíveis com a potencialidade do Brasil para o desenvolvimento sustentável. Todavia, o número de ministros aumenta, vale dizer, a frota do lulapetismo cuida de abastecer o píer da reeleição com novos cabos de amarração. (...) Não há investimentos infraestruturais, razão pela qual são negativos os resultados que a balança comercial auriverde representa. (...) Afinal de contas, o Brasil não é somente futebol. Não almeja apenas medalhas em Copas e Olimpíadas.

O jornalista **Luiz Spada** é ainda mais específico em suas temáticas, aproximando-se da tradição da crônica urbana, com cenas cotidianas e triviais narradas como representações do dia a dia da urbe. Com isso em mente, o autor fornece em suas crônicas mais um espaço para compreender esse cenário, citando locais e situações típicas de Goiânia, criando “personagens” reais em suas curtas narrativas. Das 23 crônicas publicadas pelo autor em 2013, 15 delas (65,21% do total) mantêm essa característica básica. Em 6 de outubro, no texto chamado *Seu Nome é Enóia*, Spada faz o perfil de uma taxista que roda pelas ruas de Goiânia, dissertando, em forma de crônica, sobre uma história que poderia perfeitamente ser contada em uma matéria jornalística tradicional.

Afinal, mulher dirigindo táxi é coisa rara de se ver em Goiânia – e esse foi um dos primeiros questionamentos: tem muita mulher exercendo o mesmo ofício? Enóia acha que são umas dez (além dela, só conheci mais uma).

A jornalista e escritora **Maria José Silveira** é outra cronista que aposta na comunhão entre realidade e ficção. De um total de 25 crônicas de sua autoria que puderam ser lidas em *O Popular* durante o ano de 2013, as com temáticas sociais e políticas somam 10 (40% do total), seguidas por outras 8 (pouco mais de 32% do total) que se amparam em reflexões que estabelecem vínculos com a realidade vivida, chegando-se a 72% dos textos. Isso pode ser constatado, entre outros momentos, na crônica de 19 de setembro, chamada *Uma Praga da Primavera*, em que fala a respeito da chegada dos sabiás à cidade de São Paulo, com sua cantoria em altíssimo volume.

É o fim da picada!, dirão os desavisados. Só mesmo paulista pra reclamar do canto do sabiá. Mas eu queria vê-los acordando às três horas da madrugada, com o canto agudo que chega a durar três horas seguidas, até cinco horas da manhã. Um canto de 75 decibéis, a cinco metros de distância. Só perde pra buzina de carro (90 decibéis) e ruído de trânsito (80 decibéis).

Política, protestos, fosso entre ricos e pobres, cenas da cidade. Nas crônicas de *O Popular* durante o ano de 2013, os onze autores que ocuparam o espaço destinado a esse gênero discursivo híbrido utilizaram da liberdade de que dispunham para publicar textos dos mais diferentes matizes. Muitas dessas produções contemplaram temas atuais e que estavam em pauta no noticiário de então. Em outras crônicas, em especial as escritas por um grupo de autores que busca nas próprias memórias a matéria-prima principal de seus escritos, há a predominância de assuntos ligados ao passado, a fatos históricos e a interpretações e análises realizadas *a posteriori* de eventos e personalidades de relevo.

Isso pode ser verificado em boa parte dos textos dos cronistas Bariani Ortencio, Gabriel Nascente e José Mendonça Teles. Neles, percebe-se grande ênfase em abordagens regionalistas, que se debruçam, por exemplo, sobre festas populares, memórias. Isso os coloca à parte de uma função jornalística específica. Eles apresentam-se, na maior parte de suas crônicas, como fontes balizadas para consultas e não como formadores de opinião jornalística, o que não os impedem de flertar com esta seara.

Os três cronistas não fogem dos temas jornalísticos em suas publicações, só que estes são tratados com conotações e em entonações muito específicas. Do total de crônicas que publicaram em 2013, **Bariani Ortencio** dedicou 30,23% a questões da atualidade. **José Mendonça Teles**, por sua vez, imprimiu essa característica a 9,09% de suas crônicas. Já

**Gabriel Nascente** ancorou 20% de sua produção de crônicas naquele ano em fatos e situações da pauta jornalística. Chama a atenção que os três estão entre os cinco cronistas que mais se afastaram do jornalismo em seus textos, fazendo um contraponto ao outro grupo de autores titulares da coluna *Crônicas & Outras Histórias*.

Os outros dois integrantes do grupo mais alheio em aliar a crônica com o jornalismo são Luís Araújo Pereira e Flávio Paranhos. **Luís Araújo**, poeta e professor de literatura, gosta de enveredar pela ficção, usando desses recursos em algumas oportunidades para comentar situações da realidade e, por consequência, fatos e situações jornalisticamente pertinentes. É importante ressaltar, contudo, que apenas 26,66% de suas crônicas trazem um debate de temas mais jornalisticamente validados ao longo do ano de 2013. Isso pode ser visto, por exemplo, na crônica de 22 de fevereiro, intitulada *Mocinha*, em que produz uma alegoria para tocar no delicado tema da pedofilia, assunto altamente noticiável, lançando mão de uma similitude entre o conto de fadas da Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau.

Como é comum nos centros urbanos, uma mocinha para a qual haveria, todos os dias, um lobo em muitas esquinas. A não ser que ela fosse uma garota bastante esperta para fugir do cio contagioso que percorre as ruas...

**Flávio Paranhos**, por sua vez, é médico oftalmologista e esta paratopia mostra-se em seus textos. O mesmo ocorre com as crônicas em que busca recursos na filosofia, área em que tem Mestrado. O jornalismo surge em meio a esses roteiros discursivos específicos quando o autor comenta, à luz de tais saberes, fatos do cotidiano ou eventos que chamam sua atenção. Esse movimento ocorre, porém, em apenas 20% das crônicas que publicou em 2013. É o caso do texto sobre o atentado à bomba em Boston, no Estados Unidos, cidade onde Paranhos doutorou-se em Medicina. Suas lembranças são acionadas na maneira pela qual ele trata o tema. O texto, chamado *Estupidez em Boston*, foi publicado em 20 de abril.

Se existe uma cidade nos Estados Unidos em que um ataque terrorista teria chance de atingir cidadãos do mundo, e não só americanos, esta é Boston. [...] Várias pessoas saíram gravemente feridas do ataque terrorista. Três morreram, duas americanas e uma chinesa. Uma era criança. Aposto que entre os feridos há de várias nacionalidades. Todos com algo em comum – inocência.

Mesmo com esses exemplos, os cronistas – justamente os dois que menos publicaram em 2013 no espaço *Crônicas & Outras Histórias* do jornal *O Popular* – têm uma atuação que podemos chamar de esporádica na interface do gênero com o jornalismo.

## Considerações Finais

O que se depreende deste estudo acerca da produção cronística no jornal *O Popular*, de Goiânia, durante o ano de 2013 é que a crônica, mesmo que não goze do mesmo prestígio de uma coluna política ou de um artigo publicado na página de opinião, conserva a capacidade de opinar sobre o mundo à sua volta. Os cronistas que ocuparam o espaço *Crônicas & Outras Histórias*, com estilos próprios e elegendo suas prioridades temáticas, não abdicaram de enfatizar esse papel simbólico da crônica. Em termos médios, quase 50% dos textos publicados no período analisado se debruçaram sobre fatos da atualidade ou lançaram olhares, mesmo que mais poéticos e menos objetivos, sobre a realidade. O que fica patente é que as crônicas, ao contrário de uma produção jornalística tantas vezes uniformizada, foge da padronização. A autoria, nesse discurso, é preponderante.

Quatro cronistas (Brasigóis Felício, Edival Lourenço, Maria José Silveira e Luiz Spada), todos com laços com o universo da imprensa, deram a mais de 65% de seus textos uma percepção próxima do jornalismo. Outros quatro cronistas (Bariani Ortencio, José Mendonça Teles, Luís Araújo Pereira e Flávio Paranhos), por não tal identificação com o ambiente da produção da notícia (ainda que José Mendonça Teles seja um historiador da imprensa goiana), preferiram se afastar dessa linha, dedicando 25% ou menos de seus textos a temas factuais. Há exceções. Ursulino Leão nunca pertenceu ao campo do jornalismo, mas suas vivências políticas o estimularam a escrever 75% de seus textos sobre atualidades. Por outro lado, Gabriel Nascente, que concilia a atuação no jornalismo com a de escritor, abandona a primeira em suas crônicas (apenas 20% delas falam de questões factuais) para dedicá-las a um registro pessoal. Por fim, Maria Lúcia Félix Bufaiçal, salomonicamente, divide suas atenções entre o mundo externo e seu universo íntimo.

Alguns fatos de peso em 2013 são abordados por mais de um cronista, reverberando conteúdos divulgados no noticiário. São os casos, por exemplo, das manifestações de rua de dimensão nacional, tema de textos de Ursulino Leão, Edival Lourenço, Maria Lúcia Félix Bufaiçal, Gabriel Nascente, Brasigóis Felício e Luiz Spada. Já a visita do papa Francisco ao Brasil foi comentada por mais de um cronista. A crônica, esse misto de literatura e jornalismo, tem como sua mais mais essencial característica a liberdade. Vale lembrar ainda que a crônica, em geral, é publicada em um veículo jornalístico, perfazendo parte do conteúdo oferecido a quem busca em tais espaços a informação e a análise. Essa cena enunciativa não pode ser ignorada, mas só será entendida para além de sua superficialidade quando estudos da natureza da presente pesquisa são empreendidos.

## Referências

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ALVES, Flaviana; BORGES, Rogério; SARHAN, Samiha Salahdino. **Autoria e paratopia na compreensão do discurso da crônica no jornal O Popular (Goiânia)**. XVII Congresso de Ciências da Comunicação do Centro-Oeste (Intercom Centro-Oeste). 2015.
- \_\_\_\_\_. **Narrativas e ideologias dos autores que compõem a coluna Crônicas & Outras Histórias do jornal O Popular (Goiânia): regularidades e discrepâncias**. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação do Centro-Oeste (Intercom Centro-Oeste). 2016.
- MORAES, Ângela Teixeira de. **Jornalismo e educação: (des)encontros discursivos**. Goiânia: PUC Goiás, 2013.
- BORGES, Rogério. A crônica como interdiscurso: formações de um gênero híbrido. In: MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio Dayrell. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: UnB, 2012.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil** (6 vol). Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- ECO, Umberto. **Entre a mentira e a ironia**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- LAGO, Cláudia & BENETTI, Marcia. (org.) **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.
- TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1999.
- VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.